



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO,
TÉCNICO E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM
GEOGRAFIA**

MARIA DANIELE SILVA MONTEIRO

**RECONFIGURAÇÃO NA ATUAÇÃO DO DOCENTE DE GEOGRAFIA NA
PERSPECTIVA DO ENSINO REMOTO**

JOÃO PESSOA-PB

2021

MARIA DANIELE SILVA MONTEIRO

RECONFIGURAÇÃO NA ATUAÇÃO DO DOCENTE DE GEOGRAFIA NA
PERSPECTIVA DO ENSINO REMOTO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado a/ao Coordenação /Departamento do Curso Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia

Orientador: Prof^a. Dr^a. Regina Celly Nogueira da Silva

JOÃO PESSOA-PB
2021

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M775r Monteiro, Maria Daniele Silva.
Reconfiguração na atuação do docente de geografia na perspectiva do ensino remoto [manuscrito] / Maria Daniele Silva Monteiro. - 2021.
24 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação EAD em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, EAD - João Pessoa, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Regina Celly Nogueira da Silva ,
Coordenação do Curso de Geografia - CEDUC."

1. Ensino de Geografia. 2. Docência. 3. Ensino Remoto. I.
Título

21. ed. CDD 371.225

MARIA DANIELE SILVA MONTEIRO

RECONFIGURAÇÃO NA ATUAÇÃO DO DOCENTE DE GEOGRAFIA NA
PERSPECTIVA DO ENSINO REMOTO

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)
apresentado a/ao Coordenação /Departamento
do Curso de Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Geografia.

Área de concentração: Ensino de Geografia.

Aprovada em: ___/___/_____.

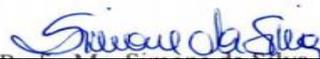
BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a. Regina Celly Nogueira da Silva - orientadora
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Ramon Santos Souza - examinador
Doutorando em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB)



Prof.^a. Ms. Simone da Silva - examinador
Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFPB)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	7
2.1 A importância do estágio supervisionado para a formação docente.....	7
2.2 Base Nacional Comum Curricular e o ensino de Geografia nos anos finais do fundamental.....	9
2.3 O ensino remoto: desafios e possibilidades para o ensino de Geografia.....	11
2.4 Desafios e Possibilidades para o Ensino de Geografia no Ensino Remoto.....	14
3 METODOLOGIA	16
4 O ESTÁGIO DE REGÊNCIA EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS) NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO	16
4.1 Caracterização do Espaço Escolar.....	18
4.2 As atividades de Regência.....	21
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	24

RECONFIGURAÇÃO NA ATUAÇÃO DO DOCENTE DE GEOGRAFIA NA PERSPECTIVA DO ENSINO REMOTO

Maria Daniele Silva Monteiro¹
Regina Celly Nogueira da Silva²

RESUMO

Este estudo é o resultado das reflexões vivenciadas durante o estágio supervisionado III, exercido no contexto da pandemia, no modelo das aulas remotas, ocasionadas pelo isolamento social, que foi adotado como medida para conter a transmissão do novo coronavírus. Este estudo tem como objetivo refletir sobre a reconfiguração do exercício docente no contexto do ensino remoto, os desafios e as possibilidades encontrados para construir um ensino significativo e inclusivo, de modo particular através da produção de material impresso. A relevância da pesquisa está ancorada na complexidade do atual contexto educacional que exige reconfiguração para novas e antigas realidades. Para tornar possível a realização desse trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa e explicativa. Portanto, o estágio supervisionado III se configura como uma oficina prática para o graduando, oportunizando o exercício docente e conduzindo o futuro professor a se descobrir como pesquisador, instigando-o a perceber o espaço educacional como um campo dinâmico, diverso, exposto a transformações, desse modo, é durante o estágio, que o universitário reflete pela primeira vez sobre a importância da prática docente e sobre que tipo de prática deseja construir, dando os primeiros passos para a construção da identidade docente.

Palavras-chave: Estágio. Ensino de geografia. Docente. Ensino remoto.

ABSTRACT

This study is the result of reflections experienced during supervised stage III, exercised in the context of the pandemic, in the model of remote classes, caused by social isolation, which was adopted as a measure to contain the transmission of the new coronavirus. This study aims to reflect on the reconfiguration of the teaching exercise in the context of remote education, the challenges and possibilities found to build meaningful and inclusive teaching, particularly through the production of printed material. The relevance of the research is anchored in the complexity of the current educational context that requires reconfiguration for new and old realities. To make this work possible, a qualitative and explanatory approach was used. Therefore, supervised internship III is configured as a practical workshop for the undergraduate, providing opportunities for the teaching exercise and leading the future teacher to discover himself as a researcher, urging him to perceive the educational space as a dynamic, diverse field, exposed to transformations, thus, it is during the internship that the university student reflects for the first time on the importance of teaching practice and on what kind of practice he or she wants to build, taking the first steps towards the construction of the teaching identity.

Keywords: Internship. Teacher. Remote teaching.

¹ Aluna do curso de Licenciatura Plena em Geografia – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

² Docente do Licenciatura Plena em Geografia – Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

1 INTRODUÇÃO

Este estudo é o resultado das reflexões vivenciadas durante o estágio supervisionado III, exercido no contexto da pandemia, no modelo das aulas remotas, ocasionadas pelo isolamento social, que foi adotado como medida para conter a transmissão do novo coronavírus. O estágio teve início dia 13 de abril de 2021 e foi exercido em uma turma do 6º ano pertencente à escola EMEIEF João Ferreira Alves, localizada na Rua João Ferreira Alves S/N, Centro de Riachão do Poço. A turma conta com aproximadamente 24 alunos, dos quais um é diagnosticado com transtorno do espectro do autismo (TEA).

Para estes, o processo de ensino e aprendizagem está sendo realizado através da produção de material impresso, sendo auxiliados através do grupo de *WhatsApp*. O estágio supervisionado III consta como disciplina obrigatória na grade curricular do curso de licenciatura plena em geografia EAD, caracteriza-se pela imersão do graduando ainda em formação no espaço educacional, ambiente propício para vivenciar a primeira experiência com a prática docente, sob a supervisão do professor orientador e do professor regente.

Nesta ocasião, o estagiário tem oportunidade de confrontar a teoria adquirida durante a formação com a prática construída através das aulas por ele ministradas, no entanto, o estágio não se resume apenas à relação teoria e prática no ato de ensinar, trata-se de um momento de autoconstrução como futuro professor, onde o estágio torna-se singular, por contribuir para a construção de habilidades que serão fundamentais para a o enriquecimento da identidade docente ao longo da profissão.

Deste modo as reflexões sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) são apresentadas com pauta na importância da geografia para esclarecer questões imbricadas no espaço geográfico, considerando que este é o objeto de análise da geografia, subentendido através de suas categorias espaciais.

Sendo assim, o ensino de geografia contemporâneo está ancorado nas competências e habilidades propostas pela BNCC (2017), de modo a conduzir o aluno a despertar para a percepção do espaço, não apenas percebendo-o, mas sentindo-se parte deste, refletindo quanto às relações que são construídas ao longo do tempo. Nesse sentido, o envolvimento ativo com o espaço geográfico é proposto desde os anos iniciais do ensino fundamental e aprofundado nas etapas posteriores.

Ainda no contexto da pandemia causada pelo novo coronavírus, caracterizado por fechar vários setores por meio de decretos governamentais, afetando diretamente o setor educacional, que precisou reformular o modo de ensino para o modelo de aulas remotas, estas

são produzidas de acordo com a realidade da escola, de maneira a se encaixar à necessidade do corpo discente, por isso, não se pode caracterizar o ensino remoto como um produto pronto, distribuído às escolas para ser seguido, trata-se de um modelo adaptativo que vai se ajustando à realidade vigente, tendo como característica única, apenas o fato de ter como suporte o uso da tecnologia e ferramentas digitais.

Tal realidade pegou a comunidade escolar despreparada exigindo uma adaptação de emergência, até forçada quando pensada de maneira aprofundada, atingindo bruscamente a prática docente que não pode ser considerada a mesma.

Nesse sentido, foi preciso reformular a prática docente, adquirindo habilidades junto às tecnologias e suas ferramentas digitais, na perspectiva de produzir aulas participativas, gravadas, até mesmo na produção do material impresso. Essas mudanças exigem habilidades que até então eram desconhecidas para professores e alunos no sentido de que a grande massa utiliza as ferramentas digitais para interação social.

Além de evidenciar a falta de habilidade com as plataformas de ensino tanto para ensinar quanto para aprender, o ensino remoto deixa evidente um velho problema no novo contexto da pandemia: as desigualdades que geram exclusões, pelo fato da educação não ser acessível a todos e nem todos se ajustarem a ela, como é o caso dos alunos portadores de autismo. Estes, por fazerem parte de um grupo com características singular, correm o risco de estarem na sua maioria apenas integrados ao ensino remoto não se beneficiando das condições básicas para uma aprendizagem significativa.

Nesse cenário, o professor interessado aparece como principal protagonista, reconfigurando a docência na esperança de alcançar a diversidade do corpo discente, no caso do ensino através da produção de material impresso, o exercício docente torna-se um desafio ainda maior por não haver interação entre professor e aluno.

Mesmo assim, as possibilidades dentro do ensino remoto são diversas tanto para as aulas síncronas quanto assíncronas, chegando à conclusão que o estágio não pode ser definido como um momento apenas para relacionar o conhecimento acadêmico com a prática, trata-se de um laboratório de aprendizagem, das diversas realidades do sistema educacional.

O estudo tem como objetivo refletir sobre a reconfiguração do exercício docente no contexto do ensino remoto, os desafios e as possibilidades encontrados para construir um ensino significativo e inclusivo, de modo particular através da produção de material impresso. Deste modo o trabalho foi embasado nas contribuições de Dantas (2020) que enfatiza as mudanças ocorridas na atuação docente no ensino remoto, Cavalcante e Jiménez (2020) que evidencia as dificuldades encontradas pelo corpo docente junto as ferramentas digitais de

ensino, já Pimenta e Lima (2006) enfatiza a construção de novas técnicas na busca de alcançar as novas realidades. A relevância da abordagem está ancorada na complexidade do atual contexto educacional que exige reconfiguração para novas e antigas realidades.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A importância do estágio supervisionado para a formação docente

Fazer uma formação superior não é tarefa fácil, principalmente quando se trata da graduação à distância, essa modalidade de ensino exige disciplina, dedicação e interesse. Cada componente da grade curricular traz um aprendizado singular e ao mesmo tempo plural, de maneira que mesmo as disciplinas contendo conhecimentos específicos, se bem compreendidas, convergem para a construção de saberes articulados onde um conhecimento tende a subsidiar outro, compondo assim a dinâmica formativa.

Nesse sentido, o estágio supervisionado III se destaca das demais disciplinas por proporcionar ao licenciando articular o conhecimento adquirido durante a formação com a prática docente construída na sala de aula. Trata-se de uma etapa permeada de expectativas por parte do graduando, por estar em um ambiente na maioria das vezes desconhecido, com uma dinâmica já estabelecida, onde este busca construir habilidades de convívio dentro do regimento escolar, sem perder sua autonomia.

No entanto, a prática eficaz não se resume apenas na reprodução de conhecimento teórico, mas no diálogo entre ambos e a dinâmica local. Para isso, conhecer os alunos, a comunidade interna e externa da escola são fatores que melhoram a qualidade do trabalho do educador, pois quando o professor conhece a realidade consegue elaborar melhor a sua prática de sala de aula e obter mais sucesso no seu trabalho (SCALABRIN; MOLINARI, 2013).

Dentro dessa perspectiva, a atividade de docência exercida durante o estágio, se apresenta como objeto de reflexão construindo, desse modo, um futuro professor reflexivo acerca de sua própria prática ainda na fase embrionária, questionar sobre a prática que deseja construir é ao mesmo tempo renunciar a propostas mecanizadas, iluminadas por técnicas de ensino padronizadas, na perspectiva de reformular a prática de maneira que venha transgredir as técnicas até então instauradas.

Para Pimenta e Lima “A habilidade que o professor deve desenvolver é a de saber lançar mão adequadamente das técnicas conforme as diversas e diferentes situações em que o ensino ocorre, o que necessariamente implica a criação de novas técnicas” (2006, p. 10).

Outro aspecto importante percebido dentre as atividades do estágio supervisionado, que se torna fundamental para a construção de técnicas adequadas, é a importância de despertar para percepção do espaço escolar, é percebê-lo como um conjunto indissociável, a observação voltada apenas para a prática docente torna-se limitada e incapaz de trazer respostas para as situações imbricadas na escola.

É necessário tornar-se pesquisador, expandir o olhar para o aspecto físico do espaço educacional, os sujeitos contidos nele, as relações de ordem interior e exterior que influenciam e que tende a moldar o comportamento da comunidade escolar. De acordo com Aragão e Silva: “observação se constitui de uma ação fundamental para análise e compreensão das relações que os sujeitos sociais estabelecem entre si e com o meio em que vivem” (2012, p.50).

Durante o processo de aprendizagem dentro do estágio supervisionado, disciplina importante por proporcionar ao graduando vivenciar a prática profissional durante a formação, possibilitando a construção de diversas atividades dentro do estágio, que serão necessárias para a construção da identidade docente ao longo da profissão, dentre estas destacamos a importância do trabalho coletivo entre estagiário e professor regente.

Essa interação se dá, por ser o estágio supervisionado III, estágio de regência, exigindo do estagiário não apenas o domínio teórico e habilidade com o corpo discente, sendo fundamental criar mecanismo para construção do trabalho conjunto entre professor regente e estagiário, na perspectiva de melhorar o ensino e a aprendizagem, porém, sem perder a autonomia na construção da própria prática.

Sendo assim, o equilíbrio torna-se palavra de ordem para o resultado positivo desse convívio. Em alguns casos o trabalho conjunto torna-se palco para críticas por parte de ambos, considerando que em algumas situações o professor regente encontra-se habituado a um exercício solitário sem modificações, por outro lado, o licenciando está no início da profissão, caracterizado pela força de vontade, determinação e desejo de transformação, caso as distintas realidades não sejam dosadas, tende a convergir para um confronto entre professor regente e estagiário.

No entanto, a convivência pautada na empatia, no respeito e no amor pela profissão, pode gerar frutos que irão beneficiar a todos, conforme argumenta Lima:

O papel formador do professor da escola de ensino fundamental e médio junto aos estagiários é de essencial importância. Estes profissionais, em seu trabalho solitário, muitas vezes se apoiam nos estagiários e assim estabelecem com eles uma relação de troca, que favorece ao diálogo sobre o ensinar e o aprender a prática profissional, ao mesmo tempo em que assumem seu papel formador de novos professores (2012, p.74).

Na perspectiva do ensino de geografia, o estágio supervisionado oportuniza construir a relação entre os saberes teóricos, frutos do processo formativo, com a prática desenvolvida na sala de aula. Tão logo, é importante para o crescimento do estagiário, futuro professor de geografia, compreender a articulação entre os saberes geográficos, na busca de construir uma didática acessível que colabore para aproximar aluno e conhecimento geográfico de maneira que possa aflorar o interesse deste, para compreender os fenômenos naturais e sociais em escala planetária, influenciando e dialogando no espaço vivido, (SILVIA e MUNIZ 2012).

Desse modo o ensino deve ser um processo de relação mútua entre professor e aluno, caracterizado pela busca interativa de novas formas de aprendizagem, que ajudem a tornar a sala de aula um ambiente onde o educando sinta o prazer de estudar, ao mesmo tempo em que seja incentivado à pesquisa, sendo ambos investigadores na busca conjunta pelo conhecimento.

Sendo assim, a importância do estágio supervisionado III se define no diálogo entre universidade e escola, campo de pesquisa e atuação onde é vivenciada a prática e diversas atividades que se articulam, colaborando de maneira significativa para a construção dos primeiros traços da identidade docente.

2. 2 Base Nacional Comum Curricular e o ensino de Geografia nos anos finais do fundamental

A disciplina de geografia ainda é considerada para muitos alunos como desinteressante e desnecessária. Tal postura está intimamente ligada à origem do ensino geográfico que por muito tempo permaneceu ancorado na percepção e descrição da natureza, assim como também era utilizado para localização espacial a fim de expandir ou descobrir novos territórios, não considerando relevante a análise da relação do homem com o espaço geográfico e as relações construídas dentro deste.

Dentro desse processo o ensino de geografia vem sendo gradativamente desvinculado do modelo onde o aluno apenas descreve os conhecimentos geográficos de maneira memorizada, fragmentado das demais áreas de conhecimento e desvinculado de sua realidade vivida.

Sendo assim, a geografia contemporânea percebe o espaço como seu objeto de análise, algo produzido ou modificado pela ação humana, mediada pelas técnicas de produção que são desenvolvidas e adaptadas ao longo do tempo resultando em um espaço complexo, imbricado de relações quase sempre desarmônicas.

Tão logo, existe um empenho por parte da escola e suas diretrizes, para que o aluno desperte para a relevância do ensino de geografia e para a concepção do espaço geográfico, portanto, é partido do primeiro contato entre os alunos com a geografia escolar que surgem as possibilidades de se construir conjuntamente um processo de ensino adequado, percepções mais verídicas sobre a produção do espaço geográfico, sua organização e as práticas espaciais (MUSTAFÉ 2019).

Dentro dessa perspectiva a base de conhecimento oferecida aos alunos não pode limitar-se apenas para a percepção do espaço geográfico e do conhecimento teórico de modo que o professor o estimule para análise espacial, para que se posicione de maneira consciente acerca das ações sociais, possibilitando refletir sobre a importância da geografia para a construção e transformação da sociedade.

Essa é a grande contribuição da geografia aos alunos da Educação Básica: desenvolver o pensamento espacial, estimulando o raciocínio geográfico para representar e interpretar o mundo em permanente transformação e relacionando componentes da sociedade e da natureza” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2017, p.315).

Nesse sentido, a BNCC dispõe de competências e habilidade voltada para as escolas da educação básica em escala nacional, abrangendo instituições públicas e particulares, objetivando que os alunos desenvolvam competências que os capacitem a compreender a dinâmica social, que vem se acelerando e ficando cada dia mais complexa.

Deste modo, dentro das competências específicas para o ensino de geografia, podemos destacar as competências que enfatizam a importância desta disciplina para responder questões relacionadas a relação homem e espaço geográfico, concebidas ao longo da história como afirma o Ministério da Educação: “Utilizar os conhecimentos geográficos para entender

a interação sociedade/ natureza e exercitar o interesse e o espírito de investigação e de resolução de problemas” (2017, p.366).

Segundo Mustafé (2019), a geografia apresentada na BNCC do Ensino Fundamental trabalha em uma perspectiva que enfatiza a importância do pensamento espacial para a formação do aluno nesta etapa da escolarização.

Sendo assim, nos anos finais da educação infantil o ensino de geografia passa a ser elaborado tendo em vista uma maior profundidade nesta fase que vai do 6º ao 9º ano, é nessa etapa que os alunos começam a perceber o espaço como objeto de reflexão, espaço de vivência onde são construídas relações que vão deixando traços ao longo da história, podendo ser mais bem analisado através das categorias de análises espaciais, lugar, território, paisagem e região. De acordo com Mustafé é nessa fase que surgem os primeiros traços críticos a cerca do que se percebe.

Por que tal bairro possui uma paisagem tão agradável aos olhos, enquanto outra parece muito mais largada ao descaso? Por que em um determinado bairro as praças são bonitas e bem cuidadas e as pessoas que ali frequentam parecem felizes usufruindo de um local agradável e seguro? Em outro (talvez no seu próprio) as pessoas parecem infelizes e sem ocupação (2019, p.20).

Desse modo, as competências e habilidades para o ensino de geografia convergem para a construção do sujeito geograficamente consciente, de maneira que o conhecimento geográfico faça sentido para a vida, seja vivido, percebido no cotidiano. Para que os resultados sejam positivos, o papel do professor é essencial, este deve fazer o elo entre o aluno e os saberes da geografia, de modo que coopere para a construção da cidadania e o entendimento da complexa dinâmica social.

2.3 O ensino remoto: desafios e possibilidades para o ensino de Geografia

A pandemia ocasionada pelo novo corona vírus já causa danos irreversíveis para muitas pessoas em toda parte do mundo, assim como deixará marcas na sociedade que serão lembradas por toda história. O vírus causador da Covid-19 por ser altamente contagioso espalhou-se rapidamente por todos os continentes, causando mortes e afetando diversas áreas da sociedade, exigindo medidas drásticas principalmente às relacionadas para contenção da propagação do vírus, que precisaram ser adotadas de maneira urgente, sem aviso prévio ou preparação, exigindo uma reconfiguração no comportamento das pessoas.

No que se refere ao sistema educacional não foi diferente, não menos impactante, as escolas tiveram suas portas fechadas por meio de decretos governamentais com intenção de promover o isolamento social, uma das maneiras propostas pelos órgãos de saúde para prevenção e contenção de contágio pelo vírus.

Imerso a tal contexto, o sistema educacional precisou desenvolver meios para que fosse possível dá continuidade ao ensino e aprendizagem, de maneira que o ensino remoto foi a solução encontrada para continuar o ano letivo, para Cavalcante e Jiménez (2020) é um momento de reconfiguração do ensino e a aprendizagem, onde as práticas da sala de aula presencial já não se ajusta no ensino remoto.

Na verdade, quando falamos em ensino remoto a primeira intenção é questionar sobre o que é o ensino remoto, chegando a breve definição de ser um modelo de ensino de caráter emergencial, sua adoção está atrelada a momentos distintos, ocasionados por situações inesperadas que se sobressai ao domínio humano, sendo produzido de maneira diversa, que vai desde a produção de material impresso à produção de aulas virtuais, dentre outros, de modo que, os recursos utilizados possam adaptar-se às diversificadas realidades do corpo discente. Mesmo não dispondo de um modelo único, o ensino remoto pode ser caracterizado pelo uso constante das tecnologias e as ferramentas digitais o que possibilitam o intercâmbio entre alunos e professores.

Antes das reflexões e análises a respeito dos desafios e possibilidades decorrentes do ensino remoto, é preciso ficar atento para não o confundir com a educação à distância, essa acontece de maneira planejada regida por lei e diretrizes com tempo de duração pré-estabelecido, além de contar com uma equipe de acompanhamento preparada para auxiliar o aluno através de plataformas virtuais e outros recursos tecnológicos.

Retornando ao nosso objeto de análise, é preciso compreender que mesmo trazendo as possibilidades para dá continuidade ao ano letivo, o ensino remoto veio acompanhado de grandes desafios para a comunidade escolar, a rapidez para sua adoção pagou todos de surpresa, impactando principalmente os professores.

De acordo com Cavalcante E Jiménez “O corpo docente não se sente preparado para as atividades escolares com a mediação das plataformas digitais, seja por conta do nível de letramento digital ou por limitações tecnológicas para acesso a estes artefatos” (2020, p. 355).

A falta de habilidade ante as novas ferramentas digitais, que subsidia a prática docente no ensino remoto, tornou-se para boa parte dos professores um verdadeiro flagelo, isso pelo fato de poucos terem habilidade junto a tais instrumentos, principalmente quando esses instrumentos se tornaram elementos fundamentais para continuar o exercício

profissional, considerando que em um passado bem recente, boa parte dos aplicativos virtuais era usada para interação social, sem necessidade de habilidade alguma para seu manuseio. Sobre tal realidade Dantas (2020) enfatiza que, a comunidade escolar mesmo despreparada foi obrigada a assumir o exercício docente através das plataformas digitais.

No caso do ensino remoto, esse exige conhecimento ainda que básico em relação às tecnologias digitais por parte dos professores, isso por serem importantes para a produção do ensino, que vai desde a produção de aulas através material impresso, ao uso de plataformas virtuais com participação e interação dos alunos, elaboração de matérias complementares tais como *slides*, produção de mini vídeo ou microaulas para serem disponibilizadas posteriormente, para auxiliar o aluno em suas atividades.

Nesse sentido, para o manuseio ou produção de qualquer um desses anteriormente mencionados, é exigido o mínimo de conhecimento e habilidade, estes devem provir de formações ou capacitações voltadas para a área, o que no caso tornou-se um desafio para os professores por tais capacitações acontecerem de maneira abreviada através de plataformas virtuais com a exigência de que haja compreensão e a responsabilidade imediata de prestar contas do entendimento adquirido, tudo dentro de um contexto estressante, sobre forte pressão psicológica decorrentes de vários fatores.

Pressão não apenas ligadas às responsabilidades profissionais, mas também no cuidado com a própria vida, pelo fato de estar exposto a uma doença que além de desconhecida pode ser letal. Apesar de parecerem situações distintas, a capacidade de aprender a lidar com algo novo e utilizá-lo corretamente está intimamente ligada ao bem-estar interior.

Principalmente quando essa novidade traz o desafio de produzir aulas ou material atrativo que desperte o interesse dos alunos, colidindo para o desgaste dos professores que se veem responsáveis não apenas de elaborar material de qualidade, precisa promover verdadeiros eventos virtuais na busca de sustentar o maior número possível de alunos na aula, quando se sabe que até certo ponto a culpa não é do professor, da qualidade da aula, muito menos do ensino remoto, provém de uma cultura que não dá à educação o seu devido valor levando uma parcela significativa da sociedade a abandoná-la ante as dificuldades. Não se trata de minimizar as dificuldades, consiste em aumentar o discurso sobre a importância da educação, mesmo em tempos de caos.

Sendo assim as análises descritas converge com as reflexões feitas por Dantas (2020), percebendo a reconfiguração na atuação docente no contexto da pandemia, partindo de

mudanças estruturais, profissionais, organizacionais e pessoais de maneira a mover vários sentidos na esfera interior do professor na perspectiva de construir um novo fazer pedagógico.

Outro aspecto antigo, porém, relevante e ativo nesse novo contexto, é a triste realidade da in/exclusão dos grupos mais vulneráveis, como é o caso dos alunos que precisam de assistência educacional especial, um público pouco mencionado que não parece despertar grandes interesses por parte do setor público, até mesmo por parte da comunidade escolar cooperando para uma luta interminável para os que buscam promover a inclusão, segundo Cavalcante e Jiménez (2020) o ensino remoto evidenciou as desigualdades no Brasil ao mesmo tempo em que revela a luta de grupos considerados vulneráveis que buscam melhores condições para aprendizagem, como no caso dos alunos portadores de necessidades especiais.

Algumas características permanecem imbricadas na educação brasileira independente do período ou circunstâncias em que essa se realiza trazendo desafios que precisam ser enfrentados com garra e determinação, batalhas que precisam ser travadas no mundo interior de cada ser humano, assim como no mundo exterior com seus obstáculos que uma vez enfrentado abre espaço para possibilidades de novos aprendizados, novas práticas, novos posicionamentos e novas maneiras de enfrentar as dificuldades, fazendo destas dificuldades novas possibilidades.

2.4 Desafios e Possibilidades para o Ensino de Geografia no Ensino Remoto

Tratando-se do ensino de geografia, na perspectiva dos desafios e as possibilidades decorrentes do ensino remoto, o primeiro desafio consiste em despertar o alunado para o relevante papel desta disciplina, tornando-a conhecida, funcional, apta a elucidar relações imbricadas no espaço geográfico. Para Mustafé: “Na modernidade, a geografia adquire importância substancial para a construção de uma inteligibilidade realmente eficaz acerca de uma sociedade que se torna cada vez mais contraditória e complexa” (2019, p.15).

O contexto remoto tende a potencializar problemas já conhecidos no ensino presencial que consiste na aparente falta de função da geografia, gerada pela mecanização do ensino onde, o conteúdo é abordado isoladamente das demais disciplinas e da percepção aproximada por parte do aluno, o professor detém o conhecimento e o aluno por sua vez se porta como receptor, coincidindo para uma aprendizagem enfadonha e sem função.

Tal realidade coopera para tornar-se um verdadeiro desafio por parte dos professores na execução das aulas virtuais, o pouco tempo para a exposição do conteúdo traz como resultado uma aprendizagem superficial e pouco interessante, principalmente quando se trata do ensino voltado para os alunos que estão cursando a segunda fase do ensino fundamental. Esses ainda não construíram habilidades para refletir sobre os fenômenos envolvidos no espaço, sendo o professor o elemento chave para intermediar o conhecimento com o raciocínio geográfico, entretanto, é preciso reciprocidade entre ambas as partes, tarefa difícil considerando as adversidades decorrentes do ensino remoto.

A elaboração do material impresso não é menos complexa para o professor, não sendo tarefa fácil determinar objetivos a serem alcançados através da abordagem dos conteúdos, tão menos criar meios para alcançar tais objetivos, considerando que o ensino através de material impresso na maioria das vezes não conta com nenhum tipo de interação entre professor e aluno, tornando quase que utópico construir um ensino e aprendizagem significativa.

Entretanto, as possibilidades para construir o ensino de geografia relevante, na perspectiva das aulas remotas, surgem com maior facilidade para o professor que detém o domínio junto às ferramentas tecnológicas, utilizadas para construir e aplicar as aulas, tanto as participativas quanto as gravadas e disponibilizadas posteriormente para os estudantes, até mesmo para a elaboração do material impresso, que se produzido com a ferramenta apropriada, agregada ao conhecimento geográfico e pautado na criatividade, é um grande passo para obter o êxito esperado.

Saber manusear os programas e aplicativos apropriados tornou-se tão importante para os educadores quanto conhecer os saberes geográficos. Dentro dessa perspectiva as possibilidades e desafios para o ensino de geografia no ensino remoto, não se define apenas em conhecer teoricamente os conhecimentos geográficos, saber articulá-lo com as demais disciplinas, aplicando-o a partir do espaço vivido, através da prática adaptada à singularidade do aluno, se resume em ter a habilidade com os recursos que possibilitam a aula, ou seja, possibilidades e desafios no ensino remoto giram em torno do avanço tecnológico e das ferramentas digitais, ambas possibilitam a continuidade no processo educativo, porém, aqueles que delas dependem sentem-se desafiados pela complexidade no seu manuseio.

Entretanto, a parceria entre professor, plataforma de ensino e aplicativos que auxiliam no ensino de geografia, a exemplo do *Google Earth* articulado com os saberes da geografia, contribui valiosamente através das aulas remotas para o crescimento dos alunos, no entanto, vale ressaltar que nem todo professor está apto a dominar tais modos de ensino, seja por falta de conhecimento ou ausência de capacitação apropriada, da mesma maneira que nem todos os

alunos têm acesso às aulas remotas, principalmente por questões econômicas, gerando assim grupos distintos, o cenário que estampa a educação brasileira no atual contexto revela duas faces da exclusão tecnológica, uma gerada pelo analfabetismo tecnológico outra pelas desigualdades sociais.

3 METODOLOGIA

Para tornar possível a realização desse trabalho foi utilizada uma abordagem qualitativa e explicativa. A relevância da pesquisa qualitativa se define por não se tratar apenas da exposição de dados estatísticos, configura-se por conduzir a um aprofundamento na realidade vivenciada, buscando refletir sobre acontecimentos relevantes aos olhos do pesquisador. Do mesmo modo em que o método explicativo além de relatar os acontecimentos busca explicar os fenômenos não percebidos de forma comum, mas que para serem entendidos devem ser frutos de reflexão e análises.

Também é considerada uma pesquisa ação pela presença participativa do pesquisador dentro do campo de pesquisa observando, refletindo sobre as ações e se propondo a intervir sobre essas na perspectiva de trazer melhorias para determinadas situações, sendo também seu comportamento e postura elemento de pesquisa dentro de sua própria pesquisa.

A pesquisa teve como aporte a utilização de referencial bibliográfico, onde foi realizada leitura documental e análise de artigos científicos. O trabalho é considerado uma produção científica por ser constituído de um conhecimento sistematizado onde o princípio básico da pesquisa é trazer iluminação que possam responder determinadas questões ligadas ao processo educativo partindo da observação, análise crítica e intervenção.

4 O ESTÁGIO DE REGÊNCIA EM GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS FINAIS) NO CONTEXTO DO ENSINO REMOTO

Construir o exercício de regência imerso ao ensino remoto configurasse em um grande desafio, por se tratar de um momento singular para a educação, onde o professor precisou reinventar a prática até então adaptada ao modelo de ensino presencial, migrando para as plataformas digitais ou para a produção de material impresso.

Ante essa realidade o estágio de regência torna-se um meio para o estagiário superar seus temores, considerando que a regência é uma nova vivência e precisa ser construída em meio as incertezas decorrentes dos impactos causados pela pandemia.

A regência realizada no estágio supervisionado III foi exercida através da produção de material impresso, esse é considerado um modelo de ensino assíncrono por não haver interação em tempo real entre professor e aluno, consistindo em elaborar atividades periódicas para ser entregue aos alunos com intenção recebê-las devidamente respondidas. A preocupação existente nesse modelo de regência pode ser definida no questionamento de como desenvolver material que possa manter o mínimo da qualidade do ensino, no contexto remoto.

Para Dantas (2020), os impactos provocados pela pandemia promovem o professor a repensar o exercício docente tanto na maneira sentir quanto de agir. Nesse sentido a criatividade atrelada ao conhecimento, são elementos fundamentais para amenizar a ruptura entre professor e alunos, na perspectiva de promover uma aprendizagem significativa, principalmente quando falamos da disciplina de geografia, por se tratar de um conteúdo naturalmente extenso ao mesmo tempo complexo, por abordar tanto aspectos naturais do planeta quanto as relações sociais, de modo que ambos precisam ser entendidos de maneira interligadas dentro do espaço geográfico.

Outra questão não menos importante que precisou ser considerada durante a regência de estágio é o fato da regência está sendo exercida para alunos que cursam a segunda fase do ensino fundamental (anos finais), a abordagem para essa fase da aprendizagem deve ser pautada na aproximação e aprofundamento entre saberes geográfico e a vivência do aluno, para que esse se encontre como construtor da grafia terrestre.

Para extrair o máximo de aproveitamento na regência com material impresso torna-se imprescindível a adoção de alguns critérios, dentre eles podemos destacar a importância de um bom planejamento, escolher as informações mais relevantes extraíndo o mínimo do conteúdo sem perder a essência do conhecimento, sintetizando-o de maneira simples com uma linguagem de fácil compreensão e objetivos claros sobre quais saberes são esperados do aluno, principalmente quando se trata da regência para alunos do 6º ano. Esses, nessa fase ainda não desenvolveram uma leitura aprimorada, além de estarem em um período de transição do ensino simples para um modo de ensino mais complexo exercido por vários professores.

Outro critério a ser adotado é produzir material que permita fazer associação entre os saberes geográficos e o espaço vivido do aluno, na verdade não podemos afirmar que essa é

uma tarefa fácil, partindo do princípio que a regência exercida com material impresso não há interação entre professor e aluno, sendo o diálogo transmissor e receptor, sem a experiência de um aprendizado compartilhado.

No entanto, para aliviar a falta de interação é preciso construir exemplos dentro da atividade, que conduza o aluno a perceber o espaço e se encontrar como parte deste. Como auxílio para da clareza aos exemplos que elucidam o assunto, é fundamental a utilização de partes lúdicas dentro da atividade, imagens que retratem de maneira simples os processos ocorridos tanto na natureza quanto na sociedade, podem trazer clareza para a compreensão do conteúdo abordado.

O estágio de regência no contexto do ensino remoto possibilitou uma experiência única, permeada de dificuldades e aprendizado, evidenciou que a profissão docente não é e nem deve ser pensada como um exercício estático principalmente por esta exposta a imprevistos e situações inesperadas que vão desde a realidade diversa do corpo discente, exigindo do professor uma prática versátil e inovada, a dura experiência de enfrentar os impactos de uma pandemia, onde a regência precisou ser reconstruída na esperança de alcançar o máximo de alunos possível, imerso a um sistema historicamente deficitário onde o ensino remoto é a solução que ameniza a difícil situação pelo qual passa o sistema educacional, no entanto, não deu condições para que todos se beneficiassem dele, expondo fragilidades já existentes, que apenas se intensificaram nesse modelo de ensino.

Sendo assim, concluímos que a regência no estágio supervisionado III no contexto do ensino remoto se define como uma atuação complexa ao mesmo tempo inovadora para o professor comprometido com a docência, de maneira que colabora para o enriquecimento do estagiário no sentido de construir uma regência consciente, crítica, disposta a enfrentar as dificuldades na busca de exercer o seu papel formador de futuros cidadãos.

4.1 Caracterização do Espaço Escolar

O estágio foi realizado em uma turma do 6º ano pertencente á escola EMEIEF João Ferreira Alves que fica localizada na Rua João Ferreira Alves S/N centro de Riachão do Poço. A escola em sua estrutura física conta 11 salas de aula, sala dos professores, biblioteca, diretoria, cantina, dispensa almoxarifado, banheiros adequados para alunos com deficiência ou mobilidade reduzida e quadra de esportes. Conta com um corpo discente de

aproximadamente 520 alunos que estão divididos entre o ensino fundamental anos iniciais, ensino fundamental anos finais e ensino fundamental supletivo.

A turma em que aconteceu a atividade de regência conta com 24 alunos entre meninos e meninas com faixa etária de 10 e 11 anos que cursam o 6º ano do ensino fundamental, dentre os quais um é diagnosticado com transtorno do espectro do autismo (TEA). Quanto ao professor regente, tem cargo efetivo no município na área de matemática, porém, leciona em outras duas disciplinas, entre estas, geografia.

O estágio teve início dia 13 de abril de 2021 prevalecendo as atividades de regência até dia 03 de junho do mesmo ano. A regência acontecia uma vez por semana, na terça ou na quinta feira, ficando a escolha do dia, a critério do professor regente, nesse momento era dedicado um tempo de aproximadamente uma hora para a realização da atividade referida àquele dia, podendo ser destinada para a elaboração do material, tirar dúvidas dos alunos, planejamento e avaliação das atividades devolvidas.

O planejamento acontecia com interação presencial com o professor regente no ambiente escolar, sendo consideradas todas as medidas de prevenção, esse momento geralmente exigia uma quantidade maior de tempo para que pudesse ser feita as observações necessárias para a produção da nova atividade.

O estágio teve seu término antecipado em uma semana por consequência do alto índice de casos de corona vírus entre a população de Riachão do Poço, levando a gestão local a decretar a proibição da entrega das atividades no ambiente escolar, na busca de conter a propagação do vírus, diante da realidade adversa e sem perspectiva de normalização o estágio foi encerrado.

Apesar das incertezas decorrentes do momento pandêmico o estágio de regência aconteceu de maneira bastante significativa, a regência foi exercida através da produção de material impresso, considerando que essa foi a maneira conveniente encontrada pela gestão vigente, para dá início ao ano letivo, segundo os informes recolhidos com a gestora da escola e com professor regente, a escolha por trabalhar com a produção de material impresso, está fortemente relacionada a vulnerabilidade sócio econômica que caracteriza uma parcela significativa do corpo discente.

Outra característica marcante em relação à turma, campo de estágio, está na preocupação e até certo ponto à inquietude vinda da parte do professor regente com a presença do aluno autista, que tem 11 anos (sendo diagnosticado com grau moderado do autismo) exigindo do professor uma atuação diferenciada, pautada na prática inclusiva com metodologia que alcance a singularidade que envolve a aprendizagem deste.

Sobre esse assunto é conveniente esclarecer que o transtorno do espectro do autismo trata-se de um transtorno invasivo que engloba algumas áreas do desenvolvimento e acomete uma parcela razoável de crianças, principalmente do sexo masculino, apresentando os primeiros traços do autismo até os três anos de idade, prevalecendo por toda vida. Ainda é considerada uma síndrome relativamente jovem no que tange as pesquisas científicas, teve as primeiras menções mais consistentes, a partir das pesquisas realizadas por Leu Kanner (1943) e Hans Asperges (1944), sendo atualmente caracterizada por afetar áreas fundamentais para o convívio social, tais como interação, comunicação e comportamental, podendo ser quantificado em autismo leve, moderado e clássico.

Sobre a tríade acarretada pelo transtorno, faremos uma breve abordagem com intenção de compreender o quão delicado e enriquecedor é para o futuro professor, exercer a regência ainda em formação para esse público singular, em um contexto insalubre dentro de uma modalidade de ensino desafiador.

Os autistas em sua maioria não desenvolvem habilidades para interagir socialmente, tendo dificuldades para iniciar conversas ou acompanhar o raciocínio envolvido no diálogo, levando-os a frustração no convívio coletivo, tal limitação afeta a relação do aluno autista com a comunidade escolar cooperando em algumas situações apenas para a presença integrada no sistema educacional não conseguindo alcançar o desenvolvimento esperado. Para Silva, Gaiato e Raveles (2012) essa área costuma ser a que mais traz prejuízos, tanto no ambiente escolar quanto na convivência cotidiana, pelo fato de que é fundamental construir habilidades para a interagir na dinâmica da sociedade

A dificuldade para se comunicar na forma verbal e não verbal dificulta que o aluno com autismo compreenda os conteúdos abordados além de não saber expressar suas dúvidas, sendo importante que o professor exponha os conhecimentos de maneira clara, com exemplos lúdicos e com objetivos diretos. Outra limitação não menos relevante é a disfunção comportamental, os autistas em sua vivência cotidiana costumam ter comportamento estereotipado com movimentos repetitivos, além de conservar gosto peculiar por objetos e ações comumente sem sentido, gerando um déficit de concentração em relação aos momentos de estudos, na perspectiva de amenizar essa dificuldade o professor pode elaborar material contendo ilustrações baseadas no gosto do aluno com intenção de extrair o máximo possível de sua atenção.

Além das limitações impostas pelo transtorno, o público autista ainda conta com um histórico de práticas excludentes, das quais foram vítimas por um longo tempo, ações que influenciam a sociedade contemporânea a construir uma imagem negativa de que as pessoas

com autismo são incapazes de ter autonomia e desenvolver suas funções sociais, inclusive as escolares, infelizmente essa cultura preconceituosa ainda é percebida em algumas escolas que relutam em receber alunos com autismo, mesmo o direito a educação sendo previsto por lei.

A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem (BRASIL, 2015, p.19).

Tal postura impede de perceber a riqueza de aprender com as diferenças além de cooperar para alimentar um sistema desumano que consiste em apenas integrar o aluno autista a escola, sem que haja preocupação em dar-lhe condições para aprendizagem, não sendo diferente no contexto remoto. Nesse sentido, para Silva, Gaiato e Raveles (2012), aceitar o autista é romper com os paradigmas instaurados, é aprender com as diferenças de modo a valorizá-las, obtendo como resultado a percepção de talentos distintos de um determinado indivíduo.

Partindo dessa breve exposição fica nítido a complexidade de lidar com esse público de característica singular, principalmente no contexto do ensino remoto, principalmente por não haver interação presencial, entretanto para o professor comprometido com sua profissão, é possível assumir uma postura favorável, inclusiva, com interesse de construir um ensino que tenha o nível de igualdade dos demais alunos e possa trazer o mínimo de qualidade na aprendizagem desses alunos, mesmo imersos a um ensino com inúmeras dificuldades. Sobre essa percepção inclusiva Mantoan (2003) ressalta, “Diante dessas novidades, a escola não pode continuar ignorando o que acontece ao seu redor nem anulando e marginalizando as diferenças nos processos pelos quais forma e instrui os alunos”

Por isso é preciso conhecer as especificidades do transtorno, pautar a regência na empatia, avaliando os pontos fracos e positivos, além de construir parceria com a família, esses elementos essenciais para subsidiarem o professor interessado, além de estar atento para a diversidade do corpo discente e desperta para a construção de práticas inclusivas desde o processo formativo.

4.2 As Atividades de Regência

O estágio regência foi iniciado dia 13 de abril, nesse primeiro momento foram feitas as apresentações onde o professor regente fez menção sobre a forte pressão geradas pelas cobranças internas da escola, além das dificuldades relacionadas à regência dentro do sistema de produção de material impresso considerando sua falta de afinidade com a disciplina de geografia, falou da angústia causada pela fragmentação entre professor e alunos, mencionou que havia pouco conhecimento sobre as características da turma por decorrência do ano letivo ter sido iniciado a apouco tempo, além da pouca interação que acontecia através de um grupo de *WhatsApp*, sendo que, a maioria não tinha acesso a internet e outros não gostavam de interagir.

Com relação ao aluno com autismo o professor esclareceu que até então não tinha nenhum conhecimento específico sobre o transtorno nem receberá nenhuma diretriz por parte da escola, o que dificultava sua atuação para com este, entretanto, apesar das dificuldades, se mostrou a vontade com a participação do estagiário, que se propôs a fazer um momento de observação para uma posterior participação.

A segunda semana foi destinada para a observação do material que já havia sido entregue, considerando que o estágio teve início dentro de um ciclo de atividade, essa não continha um conteúdo específico, apenas uma rápida apresentação entre professor e alunos, considerando que era a primeira do ano letivo, entre a troca de informações os alunos expressaram o gosto pela disciplina de geografia, no entanto o número de devolução das entregas estava baixo.

A terceira semana foi dedicada para um rápido planejamento e produção da segunda atividade que abordava o conteúdo análise do espaço geográfico e as categorias paisagem e lugar. A regência se concretizou com a participação na elaboração de algumas perguntas do questionário contido na atividade, para o aluno com autismo foi apresentada uma atividade que se mostrava abaixo do ano cursado por ele.

As atividades das semanas seguintes foram direcionadas para sanar as dúvidas dos alunos em relação ao conteúdo abordado na atividade, apesar dos incentivos para manter o mínimo de diálogo com os alunos através do *WhatsApp* a interação é bastante limitada sendo que alguns alunos preferem falar no modo privado.

As atividades de regência se seguiram com a avaliação das atividades que estavam sendo devolvidas, onde se percebeu o entendimento vago a respeito do conteúdo geográfico, além da alfabetização deficitária por parte de alguns alunos, quanto ao aluno com autismo, foi

informado pela mãe da criança que sua atividade podia ser elaborada com um pouco mais de aprofundamento no conteúdo.

Com base nessas percepções foi proposta ao professor regente uma atividade mais criativa para abordar os conteúdos região e território de maneira a conduzir o aluno a entender as diferenças regionais e as fronteiras territoriais, além de um mini vídeo para auxiliar a compreensão dos conteúdos, sendo a proposta acatada pelo professor regente.

A terceira atividade foi elaborada envolvendo uma apresentação lúdica, com uma abordagem clara e objetivos diretos, visando conduzir o aluno a perceber a geografia como uma realidade que faz parte de sua vida. A atividade para o aluno autista foi elaborada no mesmo padrão da atividade dos demais alunos, sendo levadas em consideração algumas observações tais como: reduzir as informações deixando apenas os conhecimentos mais relevantes, explorar a utilização de imagens coloridas que desperte a atenção do aluno, além de propor no exercício trabalho com colagens, uma maneira simples para incluí-lo ao ritmo de aprendizagem dos outros alunos, dando a oportunidade de ter acesso aos mesmos conhecimentos.

Para dá sentido à construção da atividade a participação da mãe do aluno foi fundamental, levando em conta que ela deu algumas informações importantes sobre a singularidade do aluno ao mesmo tempo em que ficou responsável para ajudá-lo na resolução dos exercícios.

O estágio teve que ser encerrado de maneira inesperada em decorrência do aumento dos casos de corona vírus entre a população do município, levando a paralização das entregas das atividades como meio de prevenir e barrar a contaminação do vírus.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência adquirida durante o estágio supervisionado III se configura como uma oficina vivida na prática para o graduando, a docência colabora para ir conduzindo o futuro professor a se encontrar como pesquisado não se acomodando ante os desajustes existentes, ao contrario, o estagiário se sente instigando a buscar resposta partindo da percepção do espaço escolar que se apresenta em sua dinâmica, seja no espaço físico de uma sala de aula ou através do espaço virtual de aprendizagem. A comunidade escolar se apresenta como campo dinâmico, diverso, exposto as transformações, tais como as ocorridas no contexto da pandemia que reconfiguraram o modo de ensinar e de aprender levando professores e futuros

professores a refletir sobre a importância da prática docente e sobre que tipo de prática deseja construir, dando os primeiros passos para a construção de um exercício docente que visa acompanhar a realidade vigente buscando conservar o máximo possível da qualidade tanto do ensino quanto da aprendizagem.

Não menos importantes são as contribuições que cooperaram para desmistificar ideias pré-concebidas sobre o corpo discente, esse se apresenta complexo, diversificado, envolto por problemas que são enfrentados diariamente pelo professor, que se porta como principal protagonista na esperança de promover a quebra de paradigmas para a construção de uma sociedade menos desigual e mais inclusiva. Desse modo o autista é percebido em sua singularidade, considerando e valorizando suas potencialidades de modo que, o professor interessado pode fazer muito para melhorar a qualidade do ensino deste aluno, além de exercer a inclusão independente do contexto em que a educação se encontre.

Deste modo, chegamos à conclusão de que o estágio aconteceu em um momento singular na educação, permeado de incertezas, revelando os dois lados do exercício docente, os desafios e as possibilidades vividos por professores e alunos de maneira a colaborar para o crescimento do estagiário durante a formação.

REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Raimundo Freitas; SILVA, Nubélia Moreira da. A Observação como Prática Pedagógica no Ensino de Geografia. **Geosaberes**. Fortaleza, 2012. Disponível em :<<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes/article/view/174/119>>. Acesso em: 30 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base nacional Comum Curricular**. Brasília (2017).

BRASIL. Senado Federal. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**. Lei 13.146. / 2015. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/554329/estatuto_da_pessoa_com_deficiencia_3ed.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2021.

CAVALCANTE, Marta Suely Alves e JIMÉNES, Luís Ortiz. Educação Inclusiva em Tempo de Pandemia. **Anais VII CONEDU**. Edição online. Campina Grande. Realize editora. 2020. Disponível em :<<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68437>>. Acesso em: 12 maio 2021.

DANTAS, Suzyneide Soares. (Re)Significação da Prática Docente na Pandemia por Covid19; Ensino Remoto Emergencial novos saberes, novas perspectivas. **Anais VII CONEDU**. Edição online. Campina Grande. Realize editora. 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67485>>. Acesso em: 24 de jun 2021.

ESCALABRIN, Izabel Cristina; MOLINARI, Adriana Maria Corder. A Importância da Prática do Estágio Supervisionado no Curso de Licenciatura. **Revista unar**, vol 17_n1-2013.

LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da profissão docente**. Brasília: Liber Livro, 2012.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **INCLUSÃO ESCOLAR: O que é? Por que? Como Fazer?** São Paulo. Editora Moderna, Ano 2003.

MUSTAFÉ, Diego Nascimento. **O ensino de Geografia na BNCC do Ensino Fundamental (Anos Iniciais e Anos Finais): A escala Geográfica e o Conceito De Lugar com Vista á Formação Cidadã do Aluno**. GOIÂNIA/GO 2019. Dissertação (Pós-graduação) Universidade Federal de Goiás.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. Estágio e docência: diferentes concepções. **Revista Poiesis**. Vol. 3, números 3 e 4, p.5-24, 2006.

SILVIA, Vlândia da; MUNIZ Alessandra Maria Vieira. A Geografia Escolar e os Recursos Didáticos: O uso das Maquetes no Ensino de Geografia. **Geosaberes**. Fortaleza, v. 3, n. 5, p. 62-68, jan. / jun. 2012. Disponível em: <<http://www.geosaberes.ufc.br/geosaberes>>. Acesso em: maio 2021.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa; RAVELES, Leandro Thadeu; GAIATO, Mayra Bonifácio. **MUNDO SINGULAR: Entenda o autismo**. Editora Fontanar. Ano 2012.